

CENTRALIDADE, MARGINALIZAÇÃO E ESPAÇO: UMA PRÁTICA DE CAMPO

Anelize Milano Cardoso

Bacharela, Licenciada e Mestra em Geografia - UFPel

Doutoranda em Geografia – UFSM

E-mail: anelize_milano@hotmail.com

Carlos André Gayer Moreira

Licenciado e Mestre em Geografia – UFPel; Doutor em Geografia – UFRGS

Supervisor Pedagógico e Professor de Geografia da rede municipal de Bagé

E-mail: cazandreh@gmail.com

RESUMO

Este artigo vem de proposição de uma prática de campo durante o “Segundo Seminário sobre Ensino de Geografia na escola e na universidade: metodologias e práticas da docência”, intitulada como Centralidade, marginalização e espaço. O estudo em formato de saída de campo apresentou aos professores e graduandos algumas das questões urbanas e analisou algumas relações de centralidade e marginalidades do município de Pelotas, localizado no Rio Grande do Sul - Brasil. Temos como resultado, sobre a formação de professores, que, conseguiu-se problematizar questões e problemas urbanos, valendo-se das categorias de Território, Região e Paisagem, ao longo do percurso, entretanto, da categoria de Lugar, pois a experiência traz à tona memórias e sentimentos acerca de cada um dos espaços visitados com novos olhares.

PALAVRAS-CHAVE: Prática de campo; Urbanização; Centralidade; Marginalização; Lugar.

CENTRALITY, MARGINALIZATION AND SPACE: A FIELD PRACTICE

ABSTRACT

This article comes from the proposition of a field practice during the “Second Seminar on Teaching Geography at school and university: teaching methodologies and practices”, entitled Centrality, marginalization and space. The study in field trip format presented teachers and undergraduates with some of the urban issues and analyzed some relations of centrality and marginality in the municipality of Pelotas, located in Rio Grande do Sul - Brazil. We have as a result, on teacher training, that it was possible to problematize urban issues and problems, using the categories of Territory, Region and Landscape, along the way, however, the category of Place. Because the experience brings up memories and feelings about each of the spaces visited with new perspectives.

KEYWORDS: Field practice; Urbanization; Centrality; Marginalization; Place.

INTRODUÇÃO

Este artigo vem da proposição ocorrida em uma prática de campo durante o evento “Segundo Seminário sobre Ensino de Geografia na escola e na universidade: metodologias e práticas da docência”, intitulada como **Centralidade, marginalização e espaço**. Esta saída foi realizada no dia 03 de setembro de 2019, no turno vespertino, com horário de início às 15h e término às 18h, direcionada para 20 pessoas, contando com a participação de professores da rede municipal de Pelotas e graduandos do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Os objetivos desse trabalho foram os seguintes: expor a importância do acompanhamento e orientação em saída de campo; dialogar sobre a relação entre a sala de aula e a aula em campo; refletir sobre a questão do espaço vivido do aluno frente à cidade; problematizar algumas das questões urbanas e analisar algumas relações de centralidade e marginalidades do município de Pelotas, localizado no Rio Grande do Sul - Brasil.

O REFERENCIAL TEÓRICO

Tendo em vista que o seminário teve como proposta o ensino da Geografia na escola e na universidade: metodologias e práticas da docência, desenvolvemos uma primeira sensibilização sobre a importância do ensinar/aprender Geografia a partir da categoria de **Lugar**.

35

No caso do conceito de lugar, não é a dimensão do poder que está em primeiro plano ou que é aquela mais imediatamente perceptível, diferentemente do que se passa com o conceito de território; mas sim a dimensão cultural-simbólica e, a partir daí, as questões envolvendo as identidades, a intersubjetividade e as trocas simbólicas, por trás da construção de imagens e sentido dos lugares enquanto espacialidades vividas e percebidas, dotadas de significados, marcadas por aquilo que Tuan 1980 chamou de “topofilia” (e, porque não acrescentar, antes por “topofobia” que por “topofilia” em certos casos...) (SOUZA, 2013, p.115).

Isto se deu principalmente pelo fato de a escolha do trajeto a ser percorrido e as observações se tratarem de um espaço da cidade que faz parte do dia a dia de alunos e professores, perpassando por importantes ruas e avenidas, as maiores escolas, a rodoviária e um shopping popular da cidade, entre prédios, praças e áreas de grande relevância histórica, cultural, arquitetônica e ambiental.

Este tipo de prática, como já mencionado, pode se mostrar então como profícuo momento de aprendizagem. Para Suertegaray (2002), o trabalho de campo é uma parte importante da formação do geógrafo e também do professor, porque na interpretação de uma realidade que não é dele, muitas vezes é necessário o desenvolvimento da capacidade de analisar as diferentes contradições que estão colocadas no espaço geográfico.

Ainda sobre as práticas de campo, Sacramento e Souza (2018) nos indicam a particularidade inerente a cada uma:

A maneira como as práticas em campo são conduzidas e objetivadas varia de proposta para proposta, segundo os referenciais teóricos, conceitual, pedagógico e cultural que regem cada prática de campo, a ser definida pelo professor e/ou pesquisador (SACRAMENTO; SOUZA, 2018. P. 126).

Em outras palavras, significa que devemos preparar e orientar a prática pedagógica de campo para o estudo geográfico do local, refletindo no tipo de trabalho e em uma percepção de ensino e de Geografia. Para Martín (2000, p. 101), “o trabalho de campo deve ser desenvolvido de forma contextualizada com um conjunto de atividades de ensino-aprendizagem articuladas entre si, que contribuam para conectar os conhecimentos dos alunos antes, durante e depois da saída”.

Desta forma, o trabalho de campo, visto como um instrumento ou metodologia, é uma parte inseparável da disciplina, onde se permite que as pessoas possam compreender e criticar a leitura dos diversos lugares. Tendo em vista que a sociedade se modifica ao longo do tempo e essas mudanças demandam renovações nas abordagens dos conteúdos em sala de aula, os alunos passam a reivindicar abordagens mais associadas ao seu cotidiano, fazendo com que haja a necessidade de a Geografia Escolar estar mais próxima do espaço vivido dos educandos e professores.

Neste sentido, a proposta referida aqui foi uma aula que tratasse sobre o espaço urbano de Pelotas *in loco*. A aula em campo é uma prática pedagógica bastante presente no rol das metodologias do ensino de Geografia, mas nem sempre utilizada. Este recurso favorece a construção dos conhecimentos mediante o contato direto do estudante com o objeto estudado. Além disso, durante a aula em campo o aluno visualiza e/ou vivencia aspectos extracurriculares, como a visualização sobre acessibilidade e mobilidade, a segregação espacial, as paisagens urbanas, etc.

Para isso, há que se considerar o contexto da escola pública no Brasil, especificadamente em Pelotas, no Rio Grande do Sul. A baixa remuneração dos professores resulta em uma grande carga horária de trabalho em diferentes escolas, que dificulta processos de qualificação através da formação continuada, bem como, influenciam na própria saúde mental e física dos profissionais. Como um efeito cascata, essa condição material influencia diretamente no planejamento e efetivação do ensino. Além disso, alia-se a esse cenário a condição estrutural das escolas, que necessitam de investimentos para sanar diversas demandas em seu espaço.

Portanto, a partir disso é possível averiguar que a demanda dos alunos se relaciona com o cenário econômico, social e de gerência da educação. A instituição escolar é corteada pelo direcionamento do Estado, que, em processo de crise econômica, demonstra a falta de recursos

direcionados à educação, deflagrando que qualquer prática pedagógica é, então, eminentemente política.

Sendo considerada uma “grande cidade” (na região), com um processo de urbanização desordenado, marcado pela desigualdade social, Pelotas dispõe de elevada diversidade cultural e paisagística, que podem ser abordadas pelos professores de Geografia de modo a trabalhar variados temas. Doravante, relataremos a experiência de prática de campo em Pelotas, na qual os professores foram guiados a vislumbrar o papel do aluno como agente de produção e transformação do espaço urbano.

PREPARAÇÃO PARA O CAMPO

Toda a proposta apresentada aqui foi realizada no Colégio Municipal Pelotense (CMP), Rua Marcilio Dias, nº 1597, localizado na região central da cidade. A proposta foi direcionada para os professores da rede pública municipal e para graduandos do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Entendendo que o espaço geográfico é fruto de construção histórico-social, o percurso urbano elencado neste trabalho parte de uma abordagem histórica para a compreensão do mundo atual. Destacando o histórico do espaço urbano, bem como as relações entre centro e margens da cidade, buscou-se explicitar os processos que atuam sobre o seu sítio urbano, compreendendo este espaço como fruto da organização e produção social. Inicialmente, a oficina teve dois momentos, sendo eles uma roda de conversa que trouxe a relevância da prática pedagógica, juntamente do planejamento do momento da saída de campo, destacando a importância de tal planejamento; e a prática de campo em si (Figura 1).

Figura 1 – Roda de conversa com os participantes da oficina.



Fonte: Guilherme Crizel, 2019.

Refletimos então que a aula em campo é como uma “ponte” que liga o conteúdo (generalizante) trabalhado em sala de aula e a realidade, fazendo com que os alunos vislumbrem e vivenciem os conceitos fundamentais da Geografia Urbana. Neste momento, foi alertado aos participantes que era de suma importância carregar consigo uma prancheta ou bloco de notas para, posteriormente, melhor assimilar o que foi visto, ou seja, foi pedido que os participantes fizessem anotações das observações feitas no percurso do campo.

É importante destacar que em todo o momento da prática foi sendo retomada a orientação de quais pontos (Figura 2) e aspectos do percurso devem ser observados e explanados, de acordo com suas relevâncias socioambientais e culturais. Quando os professores estiverem no campo com os seus alunos e sua curiosidade diante da dinâmica espacial irá ocorrer, por exemplo, envolvendo problemas urbanos, circulação de pessoas e veículos, obras importantes e situações citadinas, como ociosidade, segregação socioespacial e marginalização.

As transformações no perímetro urbano dos municípios brasileiros são fruto de processos mais amplos. A atividade exposta na oficina visou então alargar a visão dos educadores – atuantes e em formação – mostrando como as mudanças do tecido urbano da cidade em que vivem foram (im)postas por processos mais largos e, assim, refutando o estereótipo que sempre perseguiu a Geografia escolar, o de matéria decorativa, pautada na memorização, a fim de pensar uma Geografia conectada aos espaços de vivência dos educandos.

Para tanto, a referida saída de campo teve como ponto de partida o Colégio Municipal Pelotense (CMP), iniciando pela Av. Bento Gonçalves, passando pela Av. Presidente João Goulart,

continuando pela Av. Duque de Caxias, passando pela Praça Vinte de Setembro, com retorno pela Rua Santos Dumont, por fim, chegamos na Rua General Argolo, para retornar ao colégio novamente, conforme o mapa do trajeto (Figura 2), totalizando, ao final, um percurso de aproximadamente 4 km de caminhada orientada, que durou em média 2 horas, devido as paradas para as explanações.

O percurso estabelecido para a atividade sobre o qual foram trabalhadas noções de expansão urbana, impactos ambientais e sociais dessa expansão, e o processo de desenvolvimento histórico de Pelotas, foi organizado em cinco diferentes paradas, além do ponto de partida. Para tal abordagem, serão apresentadas as paradas a seguir:

Parada 1 – Rótula de entrada da Vila Castilho (conjunto de habitações em comunidade periférica à região central da cidade).

Parada 2 – Ponte de travessia sobre o canal Santa Bárbara (onde há construções irregulares em áreas de risco às margens), próxima à Estação Rodoviária de Pelotas, com a presença do monumento histórico relativo às antigas pelotas (embarcações).

Parada 3 – Ponto de expansão territorial da cidade de Pelotas, após 1900 (conexão com bairro Fragata).

Parada 4 – Ponto do antigo leito do (então) arroio Santa Bárbara (figura 12), atual “camelódromo” (Popcenter), junto à praça Cipriano Barcelos (“praça dos enforcado”), cotada para tombamento devido sua relevância histórica/cultural.

Parada 5 – Praça Piratinino de Almeida (praça da “caixa d’água”, tombada por sua relevância histórica/cultural), onde há a presença de um mapa informativo sobre pontos importantes daquele entorno contendo dados turísticos.

Figura 2 – Mapa do Trajeto Percorrido.



Fonte: Google Earth (adaptado pelos autores).

SAÍDA DE CAMPO

40

No momento inicial de saída de campo, os professores (da rede municipal e em formação) receberam algumas orientações sobre a atividade. Também ocorreu uma pequena explanação sobre a história da cidade e sua expansão ao longo do tempo, justamente pelo local da escola tratar-se de uma zona de limite do primeiro núcleo urbanizado do município.

Como pode ser observado na Figura 3, o ponto de partida (Colégio Municipal Pelotense – CMP), está localizado no limite superior esquerdo da imagem do primeiro loteamento do município de Pelotas. Segundo o site oficial da instituição, trata-se de uma das maiores escolas públicas da América Latina, “Contando com uma área total de aproximadamente 17.500m², [...] um quadro de 270 professores, 92 funcionários e aproximadamente 3.100 alunos”.

A história do Colégio Municipal Pelotense, [...] está presente no livro da escritora Giane Lange do Amaral. Nele, a autora lembra que a escola, então "Gymnásio Pelotense", foi criado pela Maçonaria em 1902, representando uma alternativa de ensino laico primário e secundário, que se contrapunha ao ensino ministrado pelo "Gymnásio Gonzaga", fundado em 1894. Nos primeiros anos, o "Gymnásio" funcionou como uma escola destinada apenas a meninos de classes sociais mais abastadas, pois era pago, sob regime de internato e externato. Mas já em 1913, havia uma aluna, Julieta Teles [...] (COLÉGIO PELOTENSE, 2019).

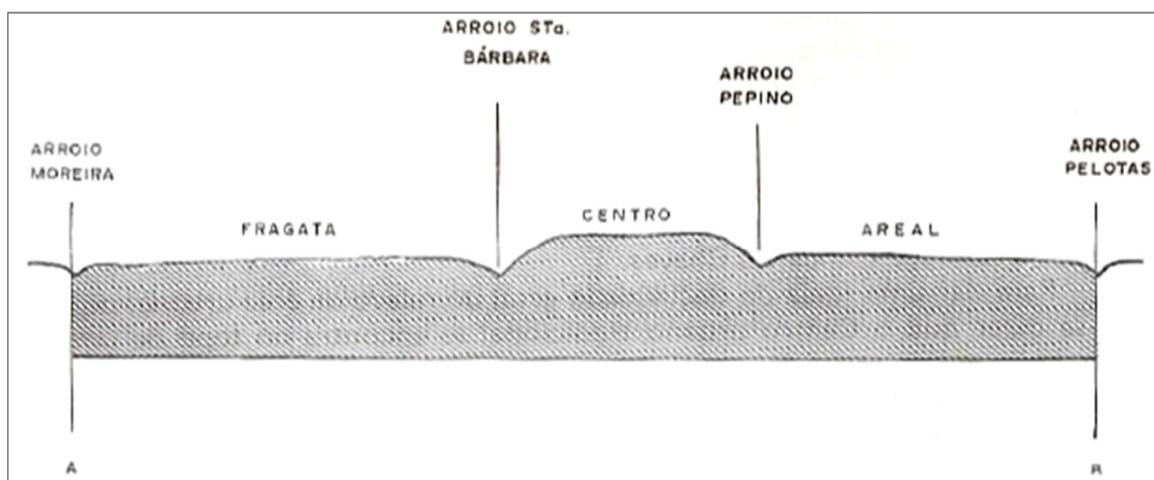
Figura 3 – Loteamentos da cidade e localização do Colégio Municipal Pelotense.



Fonte: Patrimônio Cultura de Pelotas, 2019 (adaptado pelos autores).

Sabendo que a escola representante do ponto de partida está localizada em uma região adjacente a um antigo arroio (Santa Bárbara) que, transformado e transposto posteriormente, corta a malha urbana do município, houve também algumas considerações sobre a topografia da cidade (Figura 4), tendo em vista que essa mesma topografia, assim como em outros sítios urbanos, teve influência sobre seu desenvolvimento e limite para o primeiro loteamento urbano.

Figura 4 – Ilustração da topografia da cidade de Pelotas.



Fonte: ROSA, 1985, *apud* CONCEIÇÃO et al, 2009.

A primeira parada oficial do percurso ocorreu em frente a uma rótula localizada na Av. Bento Gonçalves (Figura 5). Neste local os participantes foram orientados a observarem a paisagem urbana ali disposta, em frente à rótula havia um “vazio urbano” que estava sendo aterrado com resíduos de construção civil e lixo doméstico, o que levou os participantes a refletirem sobre as possibilidades de futuras ocupações de tal espaço.

Figura 5 – Registro da Parada 1.



Fonte: Autor desconhecido, 2019.

Outra observação foi quanto ao fato de tal espaço ser sinal de segregação social¹ presente na cidade, tendo em vista que ao fundo podemos perceber aglomeração de residências em situação irregular de moradia e construção, cuja ocupação se deu em área alagadiça, que outrora participava como margem do antigo arroio Santa Bárbara. Essa área é a entrada da chamada “Vila Castilho”, ficando próxima de alguns “espaços ociosos” com prédios abandonados (outro assunto comentado durante a saída), e é localmente conhecida como uma zona de intenso trânsito de drogas e violência urbana. Com urbanização desordenada e carência na oferta de serviços públicos, aproxima-se do conceito de aglomerado subnormal empregado pelo IBGE (2010):

[...] conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa (IBGE, 2010).

¹ O termo significa separar, marginalizar, isolar, distanciar algo ou alguém. No estudo da Sociologia, a segregação social é definida como uma separação espacial (geográfica) de um grupo, em virtude de diversos fatores, como a raça, classe, religião, etnia, educação, nacionalidade ou qualquer outro fator que possa servir como meio de discriminação.

Ainda segundo dados do IBGE (2010), Pelotas apresenta 82,4% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 84,6% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 34,4% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio).

Não obstante, em estudo realizado pelo Instituto Trata Brasil, especialista em saneamento, em seu relatório de 2019, entre as 100 cidades brasileiras mais populosas, Pelotas figura a 80^a posição no ranking sobre saneamento. Em comparação a outras cidades gaúchas, Pelotas aparece depois das cidades de Santa Maria (70^a), Caxias do Sul (54^a) e Porto Alegre (34^a), onde a capital se apresenta como mais bem colocada no cenário sobre saneamento (INSTITUTO TRATA BRASIL, 2019), mas ainda sim fora dos 30 melhores índices de saneamento das 100 cidades mais populosas do Brasil (termo utilizado pelo instituto).

Após algumas destas explanações em campo, a segunda parada ocorreu em uma ponte sobre o canal Santa Bárbara, que outrora foi em parte aterrado, canalizado e desviado o seu curso original do arroio. Localizada na Avenida Bento Gonçalves, nessa parada os participantes puderam ampliar suas noções acerca do processo de urbanização desordenado, sendo que as margens do canal apresentam muitas ocupações irregulares, com ligações de água e esgoto clandestinas, que são lançadas diretamente em suas águas, tornando visível na paisagem a sua contaminação (Figura 6).

Figura 6 – Registro da vista da ponte localizada na Av. Bento Gonçalves - Parada 2.



Fonte: Autores, 2019

Este mesmo canal, em meio a uma região alagadiça que vem continuamente sofrendo aterramentos durante seu processo de urbanização, de um lado é costeado por uma avenida que representa um prolongamento de rodovia, servindo como um importante fluxo para entrada e saída de veículos na cidade.

Ao percorrer tal trajeto, durante a caminhada refletimos sobre o quanto primordial é a etapa de preparação, para o sucesso da aula em campo. Pois, neste sentido, além de considerar o trajeto, a duração e os pontos de parada, o planejamento da aula, deve levar em consideração os problemas de tráfego que a cidade pode apresentar. Como se pode observar na Figura 7, grande parte do trajeto do campo foi executada no acostamento das vias, o que possibilitou aos participantes também refletir um pouco sobre mobilidade urbana.

Figura 7 – Registro do trajeto no acostamento das vias.



Fonte: Autor desconhecido, 2019.

44

Já na terceira parada pudemos observar o canal de Santa Bárbara sobre a ponte localizada na Avenida Duque de Caxias, na Figura 8, onde foi abordado rapidamente o assunto de eutrofização² de corpos d'água, um problema socioambiental relativamente comum e observado em alguns pontos do trajeto percorrido.

² Na eutrofização, verifica-se um aumento dos nutrientes da água, o que estimula o surgimento de algas e cianobactérias. Esse processo pode levar à morte de várias espécies.

Figura 8 – Registro da vista da ponte localizada na Av. Duque de Caxias - Parada 3.



Fonte: Autor desconhecido, 2019.

Também observamos a ocupação irregular por uma população com baixa renda, com fixação de residências e barracos em uma das margens do canal, se estreitando mais ao longo de seu curso, tornando a situação ainda mais perigosa para o funcionamento do canal e dos próprios habitantes. Tudo isto em contraste com um condomínio fechado/murado de maior poder aquisitivo, localizado praticamente ao lado das ocupações (Figuras 9 e 10).

Figura 9 – Vista aérea da Parada 3 localizada na Av. Duque de Caxias.



Fonte: Google Earth, 2019. Adaptado pelos autores.

Alertamos aos participantes para que observassem as diferenças de acessibilidade/mobilidade e a mudança no calçamento e na configuração das vias, ficando evidente que, durante o percurso, ao se dirigir mais no sentido da centralidade do sítio urbano de Pelotas, melhor se apresenta a pavimentação, iluminação e o espaço urbano no sentido das construções e infraestrutura.

Como podemos ver na Figura 9 (área demarcada na cor amarela) há o registro, pela imagem da vista aérea, de uma diferenciação do ordenamento das construções, resultante de um processo de segregação socioespacial e da ocupação à margem do canal.

Este processo de segregação socioespacial, comum em grandes cidades brasileiras, expressa materialmente as diferenças entre classes sociais e muitas vezes também sua participação na produção do espaço público da cidade, bem como, em alguns casos, um processo de privatização do espaço (Figura 10).

Figura 10 – Contraste entre as entradas das ocupações (à esquerda) e condomínio (canto à direita).



Fonte: Google Street View, 2019. Adaptado pelos autores.

A quarta parada foi na recente construção do empreendimento “Pop Center” (Figura 11), um shopping popular (camelódromo), junto à Praça Cipriano Barcelos, conhecida popularmente como “Praça dos Enforcados”. Nesta parada foi explanado sobre o impasse em relação à construção, localizada em frente à Receita Federal, sobre a existência de um sítio arqueológico no local e sobre a impossibilidade de complementação da construção com prédio maior, pois o solo alagadiço (antigo leito do arroio Santa Bárbara) talvez não tivesse capacidade de sustentação, fazendo com que somente um estacionamento fosse designado ao local (MACIEL, 2017).

Figura 11 – Registro da situação do Pop Center e “Praça dos Enforcados” Parada 4.

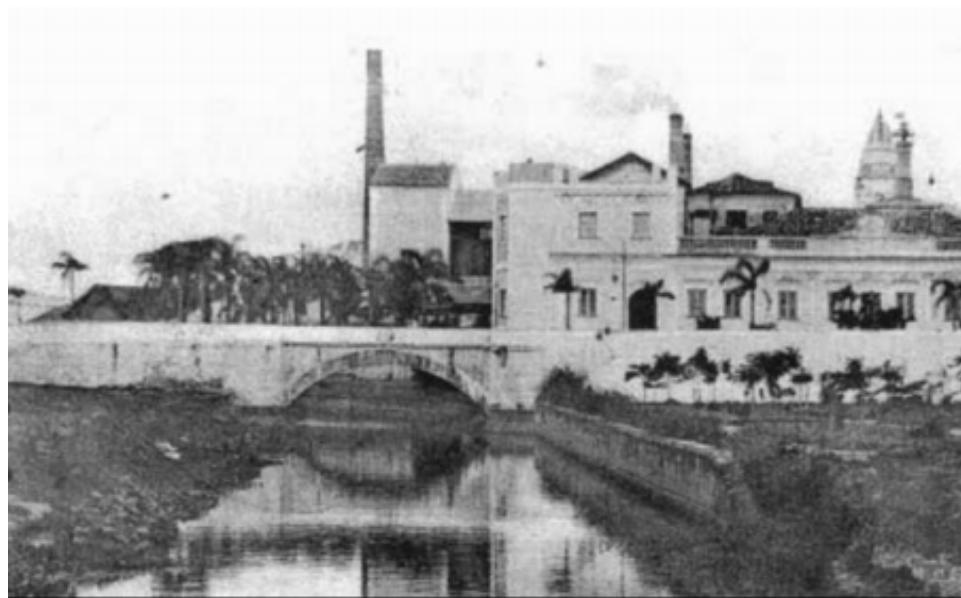


Fonte: Autores, 2019.

Neste ponto também foi comentado que o curso do Arroio Santa Bárbara, antes da sua transposição, passava por debaixo de uma antiga ponte (Figura 12), sobre a qual o grupo estava parado, e que há um século, próximo deste mesmo ponto, as lavadeiras lavavam roupas no curso d’água (Figura 13), sendo que a atual Rua Professor Araújo, durante muitos anos recebeu o nome de Rua das Lavadeiras, por desembocar neste local (MACIEL, 2017).

47

Figura 12 – Antiga ponte sobre o Arroio Santa Bárbara, na década de 1890.



Fonte: Almanaque do Bicentenário de Pelotas, 2012, *apud* MACIEL, 2017.

Figura 13 – Lavadeiras junto ao Arroio Santa Bárbara (1909).



Fonte: Nelson Nobre Magalhães, 1990, *apud* MACIEL, 2017.

A “Praça dos Enforcados”, outrora bastante utilizada para rituais religiosos de matriz africana, recebeu este nome porque, para além de relatos sobre o uso do local para suicídios no século XX, tal espaço fora utilizado anteriormente para castigo e enforcamento público de negros escravizados.

48

É possível que esta proximidade da força com o terreno ocupado pela Praça Cipriano Barcelos e alguns casos de suicídios por enforcamento no século XX na própria praça tenham se fundido no imaginário popular e resultem no nome pelo qual a praça é conhecida: Praça dos Enforcados. É comum encontrar indivíduos que alegam ter sido na Praça Cipriano Barcelos o local em que se localizava a força no século XIX. (MACIEL, 2017)

Uma parte da história que muitos desconhecem, por ser negligenciada, silenciada, em uma tentativa de apagamento de uma face da memória da cidade, diante de todo o seu conhecido passado escravocrata, de referências e remissões à Europa.

Historicamente, Pelotas também passou por um processo de “higienização” de sua região mais central ao longo do tempo, expandindo os limites espaciais da elite e “empurrando” cortiços e populações de baixa renda, para que não acessassem igualmente o centro da cidade (MACIEL, 2017).

Neste sentido, naquele ponto refletimos novamente sobre a produção de centralidade(s) e marginalizações na cidade, assim como a materialidade da segregação espacial e ainda, brevemente, assuntos como: a relevância da população negra e sua história, Memória e Patrimônio, sua importância e compreensão, no município de Pelotas.

A quinta e última parada foi realizada em frente à Praça Piratinino de Almeida (Figura 14). Cercados por edificações históricas de influência europeia, incluindo uma caixa d’água tombada

como patrimônio cultural, e imbuídos de sentimentos e considerações acerca dos lugares observados, conversamos sobre a importância de tal prática na ressignificação dos olhares sobre o espaço urbano. Algo possível a partir de práticas educativas orientadas para tal fim, considerando o processo de ensino e aprendizagem, objetiva e subjetivamente.

Figura 14 – Registro da Praça Piratinino de Almeida - Parada 5.



Fonte: Autores, 2019.

Por fim, direcionamo-nos novamente ao colégio e, ao chegar, finalizamos a prática com uma atividade integradora, inspirada na chamada “dinâmica dos privilégios”³, que ocorreu da seguinte maneira: foi solicitado que todos os participantes formassem um círculo, dessem as mãos e que fechassem os olhos enquanto eram feitas perguntas sobre privilégios e desigualdades, pedindo que eles se movimentassem para frente ou para trás, de acordo com cada questão e resposta dada individualmente por cada participante, foi pedido anteriormente que eles respondessem de acordo com sua experiência de vida, sendo assim uma resposta pessoal.

Por exemplo, se a frase era: “Se o seu bairro possui saneamento básico, iluminação, pavimentação e oferta de serviços públicos adequadamente, dê um passo à frente”. Se houvesse

³ Dinâmica adaptada, desenvolvida por um dos autores, Carlos André Gayer Moreira, em 2019.

concordância com as frases, ao movimentarem-se alguns participantes avançavam internamente no círculo, enquanto outros se afastavam, tendo que soltar suas mãos. E este foi o primeiro ato simbólico, de ruptura com a união com a qual haviam começado.

Quando havia alguma frase representando uma desigualdade, como por exemplo: “Se você precisou trabalhar para se manter durante seus estudos na universidade”, a indicação era de que dessem um passo para trás. Tudo isso teve como resultado uma visível diferenciação espacial, a formação de uma centralidade e suas margens, a partir das respostas dadas ao longo das questões.

CONCLUSÃO

Diante de todas as observações dentro da nossa atividade, após o *feedback* dado pelos participantes durante a saída e em seu fechamento, a sensibilização acerca da importância da prática de campo e das constituições dos lugares, nos tornou possível concluir que todos os objetivos propostos foram alcançados muito satisfatoriamente.

As saídas de campo favorecem um maior reconhecimento do aluno no meio em que vive, pois permite que tomem conhecimento da diversidade, complexidade e a multiplicidade de variáveis existentes. Também permitem que os alunos tenham uma atitude de investigação assentada em práticas procedimentais que não podem ser realizadas dentro da escola, em uma sala de aula.

Portanto, para além de expor tal importância da saída de campo, sua relação com a sala de aula e o espaço vivido do aluno na construção da cidade, conseguimos problematizar questões e problemas urbanos, se valendo das categorias de Território, Região e Paisagem, ao longo do percurso, mas principalmente da categoria de Lugar. Pois a experiência traz à tona memórias e sentimentos acerca de cada um dos espaços visitados com novos olhares.

Para concluir, sabemos que existe, sim, uma realidade material que às vezes frustra o exercício profissional em relação a algumas práticas que exigem condições concretas (despesas, transporte/combustível/mão de obra, no caso de saídas de campo) inexistentes em determinados momentos.

Esse fato, porém, não deve impedir o constante movimento de questionamento, reflexão e pesquisa, que acompanha a própria carreira docente. Em meio aos limites materiais, sempre é possível construir ideias que se concretizem, mesmo que no meio do caminho elas se alterem e sejam adaptadas. Pois é também por meio destas intervenções e práticas, muitas vezes alternativas e custosas (no sentido laboral), mas de valor pedagógico inestimável, que crescemos no nosso fazer e pensar

geográfico. Crescemos assim, por fim, especialmente em nossa práxis docente e fazer científico/pedagógico.

REFERÊNCIAS

COLÉGIO PELOTENSE. **História**, 2019. Disponível em <http://www.colegiopelotense.com.br/historia.htm>. Acesso em: 22 out. 2019.

CONCEIÇÃO, J. A.; CARVALHO, M. S.; RAMOS, S. M. P.; VIEIRA, S. G. **Espaço e tempo na formação urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**. Pelotas: UFPel, 2009.

GAÚCHA ZH. **Municípios gaúchos aparecem entre os piores em ranking de saneamento**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2018/04/municipios-gauchos-aparecem-entre-os-piores-em-ranking-de-saneamento-cjg5g8qjz012x01qo392debda.html>. Acesso em: 26 out. 2019.

INSTITUTO TRATA BRASIL. **Ranking do Saneamento**. São Paulo, 2019. Disponível em: http://www.tratabrasil.org.br/images/estudos/itb/ranking-2019/Relat%C3%B3rio_-_Ranking_Trata_Brasil_2019_v11_NOVO_1.pdf. Acesso em: 26 out. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Manual de Delimitação dos Setores do Censo. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br. Acesso em: 25 out. 2019.

51

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Esgotamento sanitário adequado*: Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br. Acesso em: 26 out. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Arborização de vias públicas*: IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br. Acesso em: 26 out. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Urbanização de vias públicas*: IBGE, Censo Demográfico 2010. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br. Acesso em: 26 out. 2019.

MACIEL, L. N. **“Tem lamentos desses negros que foram enforcados aqui”: Estudo arqueológico da Praça Cipriano Barcelos (Pelotas, RS)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, 2017.

MARTÍN, J. L. Lassalidas de campo: mucho más que una excursión. **Educar em el 2000**: revista de formación del profesorado. Murcia (Espanha), n. 11, novembro, 2000. Disponível em: <https://redined.educacion.gob.es/xmlui/bitstream/handle/11162/86311/01820083002682.pdf?sequen ce=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 mar. 2023.

Patrimônio Cultural de Pelotas. Disponível em: <https://sites.google.com/site/pcpelotas/3--zonas-de-preservacao-do-patrimonio-cultural-lei-n-4568-00>. Acesso em: 26 out. 2019.

SACRAMENTO, A. C. R.; SOUZA, C. J. O. **O trabalho de campo para formação e atuação docente na Educação Básica: realidade e desafios. Contribuições da Geografia Física para o ensino de Geografia.** 1^a ed. Goiânia: C& Alfa Comunicação, 2018, v.1. p. 121-149.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de campo em Geografia. **GEOgraphia**, Niterói, RJ: UFF, v.7, p. 92-99, 2002. Disponível em:
<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/78/76>. Acesso em: 06 out. 2019.